

## NOTAS SOBRE A POESIA DIGITAL DE MATO GROSSO NO INSTAGRAM: UMA MIRADA PANORÂMICA

\*\*\*

### NOTES ON MATO GROSSO'S DIGITAL POETRY ON INSTAGRAM: AN OVERVIEW

Vinicius Carvalho Pereira<sup>1</sup>

**Data de recebimento do texto:** 05/05/2024

**Data de aceite:** 30/05/2024

**Resumo:** A literatura digital, que se vale de recursos computacionais para fins artísticos, vem crescendo em Mato Grosso com poetas lançando mão de redes sociais, especialmente o Instagram, para produzir e circular seus textos. Para um mapeamento inicial de como a plataforma vem sendo apropriada para projetos poéticos no estado, procedemos aqui a uma análise de seis perfis de escritores de Mato Grosso no Instagram: Allan Kenayt, Eduardo Mahon, Clark Mangabeira, Larissa Campos, Ryane Leão e Elisângela Saboia. Entre os resultados observados, podemos sintetizar que há tendências compartilhadas por distintos autores e algumas especificidades que individualizam seus projetos poéticos na plataforma, especialmente no que concerne aos modos de articular texto e imagem, foto e legenda, nome próprio e identificação do perfil, identidade autoral e imagens do eu, tipografia e diagramação. O estudo aponta ainda a necessidade de expansão do corpus para um mapeamento mais sistemático das apropriações do Instagram na poesia de Mato Grosso contemporânea.

**Palavras-Chave:** Poesia digital. Literatura produzida em Mato Grosso. Instagram. Instapoesia.

**Abstract:** Digital literature, which uses computational resources for artistic purposes, has been growing in Mato Grosso with poets using social media, especially Instagram, to produce and circulate their texts. For an initial mapping of how this platform has been appropriated for poetic projects in the state, we herein analyze six profiles of writers from Mato Grosso on Instagram: Allan Kenayt, Eduardo Mahon, Clark Mangabeira, Larissa Campos, Ryane Leão, and Elisângela Saboia. As to our results, there are trends shared by different authors and some specificities that individualize their poetic projects on the platform, especially regarding the ways they articulate text and image, photo and caption, full names and profile identification, authorial identity and images of the self, typography and layout. This study also points out the need to expand the corpus for a more systematic mapping of Instagram appropriations in contemporary Mato Grosso poetry.

**Keywords:** Digital poetry. Literature produced in Mato Grosso. Instagram. Instapoetry.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ, com estágio pós-doutoral na University of Nottingham (Reino Unido). Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFMT. Bolsista Produtividade 2 do CNPq. E-mail: [viniciuscarpe@gmail.com](mailto:viniciuscarpe@gmail.com).

## Introdução

No âmbito dos estudos intermídia, assistimos hoje a uma profusão de experimentações literárias com signos e materialidades estranhas à prosa e à poesia em sua prototípica inscrição impressa – ao menos prototípica desde a expansão da cultura literária ocidental do século XVIII, conforme Roger Chartier (2010). Assim, em paralelo à literatura no livro, multiplicam-se em nosso tempo projetos que aproximam palavra escrita e música, vídeo, fotografia, instalação, performance, hipertexto, videogames, ou o que o valha. Florencia Garramuño (2014) enxerga nesse processo uma aposta da literatura contemporânea no inespecífico; isto é, no que, em tese, seria estrangeiro a ela. Não se trata, claro está, de um gesto exclusivo da atualidade, mas de formas de produzir, circular e consumir literatura fora do livro que se popularizam rapidamente em nossa tecnocultura de massas.

No caso da poesia, pode-se dizer que essa tendência é ainda mais pronunciada, quer por uma fenomenologia peculiar ao gênero, que mobiliza estratos sonoros e visuais para além do processamento estritamente linguístico, quer pela abertura conceitual que leva pesquisadores e artistas a substituírem a ideia de uma *Poética* pela de várias *poéticas contemporâneas* e intermediárias. E, no século XXI, se assistimos a um desenvolvimento tecnológico em que as mais diferentes mídias vão convergindo para os mesmos dispositivos digitais, sejam os computadores ou variantes com igual capacidade de processamento computacional, a exemplo de *smartphones* e *tablets*, as experimentações inespecíficas com poesia e outras mídias vão também se transformando quase todas em projetos digitais.

Como membro fundadora da *Electronic Literature Organization* (ELO, maior e mais antiga instituição nos meios acadêmicos dedicada ao tema, criada nos Estados Unidos em 1999), a pesquisadora norte-americana Katherine Hayles cunhou o termo literatura eletrônica para se referir a criações de tal sorte, definindo-as como: “obra[s] com um aspecto literário importante que aproveita[m] as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede” (HAYLES, 2009, p. 21). Muitos pesquisadores alinhados à ELO vêm trabalhando há anos com essa definição, investigando precipuamente obras concebidas com tecnologias generativas (como poemas gerados por software), hipertextuais (como romances em que o leitor escolhe o desenrolar da narrativa clicando

em links), hipermídia (como poemas animados eletronicamente e acompanhados de vídeo e/ou som) etc.

Apesar da produtividade do termo “literatura eletrônica”, de sua definição por Hayles e dos estudos quanto aos gêneros recobertos pelo escopo desse conceito, a expansão do campo para outras regiões do mundo, de realidades socioeconômica e sociotécnica muito distintas das vigentes no Atlântico Norte, levou a novas proposições terminológicas, metodológicas e conceituais para pensar a literatura que se vale das *affordances* da mídia digital. Na América Latina, por exemplo, o termo mais empregado hoje é “literatura digital”, o qual, conforme definição proposta pela pesquisadora chilena Carolina Gainza, refere-se a

[...] escrituras que não apenas utilizam um aparato eletrônico como meio, senão que, e mais importante em sua definição, se baseiam em diversas formas de manipulação de códigos informáticos, seja de forma direta ou indireta. Nesse sentido, a denominação “digital” permite delimitar uma literatura própria dessa época, que refere práticas relacionadas com a experimentação com a linguagem de códigos ou com meios digitais, como as redes sociais. (GAINZA, 2020, p. 334-335, tradução nossa<sup>2</sup>).

Sob tal perspectiva, a pesquisadora expande o campo para abarcar não só projetos que envolvam trabalho direto de programação de códigos informáticos (tradicionalmente privilegiados pela ELO), mas também produções literárias desenvolvidas com tecnologias digitais mais massivas, em especial as redes sociais, que não exigem aporte financeiro, conhecimento técnico de programação ou equipes de criação multidisciplinares. Em um continente onde são mais desiguais as oportunidades de formação profissional e acadêmica; menos democrático o acesso à tecnologia de ponta; e mais escassos os incentivos financeiros a artistas, seja por editais públicos ou linhas de investimento privadas, faz todo o sentido incluir no escopo da literatura digital obras que se valham de hardware e software mais massivos e acessíveis, tais quais aparelhos celulares e aplicativos como Facebook, Instagram, TikTok etc.

---

<sup>2</sup> No original: “[...] escrituras que no solo utilizan un aparato electrónico como medio, sino que, y más importante en su definición, se basan en diversas formas de manipulación de códigos informáticos, ya sea de forma directa o indirecta. En este sentido, la denominación “digital” permite delimitar una literatura propia de esta época, que refiere a prácticas relacionadas con la experimentación con el lenguaje de códigos o con medios digitales, como las redes sociales”.

Leonardo Flores, igualmente atento a uma literatura digital (ou eletrônica, como usa na redação de seus trabalhos) feita com recursos técnicos populares e de baixa curva de aprendizagem, chama tais obras de literatura eletrônica de terceira geração<sup>3</sup> (FLORES, 2021). No entanto, o pesquisador circunscreve-a não de uma perspectiva geográfica ou socioeconômica, como Carolina Gainza, mas sim de uma mirada historiográfica mais globalista, na qual a literatura eletrônica feita em redes sociais seria parte de um terceiro momento do desenvolvimento do campo, independente das diferenças entre Norte Global e Sul Global. Assim, tanto nos Estados Unidos e na Europa, quanto na América Latina, teríamos hoje, conforme Flores, um alto volume de textos criativos produzidos por jovens em aplicativos móveis apenas escolhendo filtros, clicando em menus e reaproveitando imagens e trechos de textos já disponíveis na Internet. Sob tal perspectiva, a mudança da web 1.0 para a web 2.0 seria o ponto de virada entre formas anteriores de literatura digital – mais autorais e herméticas do ponto de vista interpretativo, e mais complexas do ponto de vista do projeto técnico – e as que hoje rapidamente viralizam e somem nas plataformas de mídia social.

Combinando ambos os paradigmas, de que a literatura digital em redes sociais deve ser pensada (i) de uma perspectiva situada no *locus* de produção, e (ii) como desdobramento de uma série literária que envolve o desenvolvimento tecnológico e as transformações culturais indissociáveis da web 2.0, interessa-nos neste artigo analisar a poesia no Instagram feita por artistas de Mato Grosso. O estado, duplamente periférico no sistema-mundo – já que à margem dos grandes centros do Brasil, este que também é um país na periferia do tecnocapitalismo –, apresenta uma cena literária em formação nessa plataforma, em que se podem observar algumas tendências emergentes e certos contrastes marcantes. Nosso objetivo, portanto, é investigar de que modos o Instagram,

---

<sup>3</sup> Obras de primeira e segunda geração de literatura eletrônica, conforme a historiografia proposta por Leonardo Flores (2021), fogem ao escopo do presente artigo. O pesquisador considera como de primeira geração obras desenvolvidas em estágios ainda iniciais das tecnologias computacionais, em aparelhos gigantes, chamados de *mainframes*, que podiam ocupar todo o andar de um prédio. Sendo tecnologias bem caras e pouco difundidas à época (entre os anos 60 e 80 do século passado), tratava-se de computadores exclusivos de grandes universidades e centros militares, onde algumas pesquisas sobre o poder combinatório das máquinas de então podiam resultar em produtos com algum valor estético. No Brasil, é exemplo de poesia eletrônica dessa geração a obra *Le Tombeau de Mallarmé*, feita por Erthos Albino de Souza, em 1972, em uma impressora matricial, reproduzindo imagens formadas por um software de sensores térmicos. Já a segunda geração de literatura eletrônica é, para Flores (2021), formada por obras desenvolvidas em computadores pessoais (PCs) ligados à Internet, envolvendo a criação de interfaces web personalizadas (donde a presença de artistas com formação técnica em áreas de TI, design e publicidade). Trata-se em geral de poesia que flerta com uma estética da dificuldade e da erudição, cara ao alto modernismo. No contexto de Mato Grosso, são exemplos de poesia eletrônica de segunda geração as séries *Anfipoemas* e *Contrapoemas*, elaboradas por Wladimir Dias-Pino e Regina Pouchain entre 1995 e 2007 usando o Adobe Photoshop.

eminentemente criado para outros fins, vem sendo apropriado por poetas do estado como plataforma de produção e circulação literária.

Como seria impossível mapear todos os poetas de Mato Grosso ativos no Instagram, ou todos os poemas por eles postados na plataforma, procedemos aos moldes da pesquisa exploratória (GIL, 2008) neste artigo, a fim de identificar tendências gerais neste campo de estudo ainda em formação. Para tanto, partimos dos perfis dos pesquisadores do grupo Acervo de Artes Digitais Mato-Grossenses no Instagram e visitamos os perfis dos poetas de Mato Grosso que estes seguiam ou por quem eram seguidos. Foram encontrados, nesta etapa, nove escritores de Mato Grosso que postavam seus poemas no Instagram, dos quais selecionamos seis perfis para discussão no presente artigo: @janelas.do.meu.quarto (de Allan Kenayt), @eduardomahon (de Eduardo Mahon), @clarkmangabeira (de Clark Mangabeira), @laricampos10 (de Larissa Campos), @ondejazzmeucoracao (de Ryane Leão) e @elisangela.saboia (de Elisângela Saboia).

Em cada um dos perfis selecionados para esta pesquisa, percorremos os principais campos de postagem de conteúdo na plataforma (*feed*, *stories*, destaques e *reels*<sup>4</sup>) em busca de textos poéticos. Em nossa análise, não nos dedicamos ao *close reading* do material verbal desses textos, pois, ainda que interessante, a leitura detida desses conteúdos fugiria ao escopo da mirada mais panorâmica a que este artigo se pretende. Em vez disso, atentamos para os distintos modos como os recursos técnicos e os códigos estéticos do Instagram são ou não mobilizados pelos poetas, conforme discutido na próxima seção. Quando necessário, reproduzimos aqui imagens capturadas dos perfis em junho de 2023 utilizando a versão *web* do Instagram. Dados numéricos, quando mencionados, são referentes a consultas realizadas no mesmo mês.

### **Instantâneos da cena de poesia digital no *Instagram* em Mato Grosso**

Com o avanço das redes sociais como dispositivos técnico-algorítmicos que viabilizam, ao mesmo tempo em que regulam, as relações entre pessoas, entre instituições e entre pessoas e instituições na contemporaneidade, vão se transformando as formas de

---

<sup>4</sup> O *feed* é o principal campo do Instagram, no qual cada postagem é composta por uma imagem, uma legenda e a possibilidade de *likes*, comentários e compartilhamentos. Trata-se de campo de postagens permanentes. Já os *stories* são um campo que permite outros recursos de interação, como a postagem de links ativos, enquetes etc., mas essas postagens duram apenas 24 horas, a menos que sejam arquivadas na aba *destaques*. Os *reels* compõem um campo exclusivamente formado por vídeos curtos, onde também é possível dar *likes*, fazer comentários e compartilhamentos.

sociabilidade em meio digital. Assim, gradativamente nossos modos de ser e de interagir com o mundo à nossa volta vão sendo moldados por imperativos determinados por grandes conglomerados de empresas de TI – a exemplo da Meta, no caso da tríade Instagram/Facebook/WhatsApp (entre outros serviços) –, em uma dinâmica que se convencionou chamar de plataformização.

[...] compreendemos plataformização como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida. E, a partir da tradição dos estudos culturais, concebemos esse processo como **a reorganização de práticas e imaginações culturais em torno de plataformas** (POELL; NIEBORG; VAN DIJCK, 2020, p. 5, grifos nossos).

O setor literário, como tantos outros da vida em sociedade, está igualmente sujeito ao fenômeno da plataformização. Assim, nossos modos de circular, comercializar, consumir, criticar etc. livros impressos também vão se amoldando às imposições e às possibilidades determinadas por plataformas várias, desde as criadas especificamente para o universo literário, como a brasileira Skoob ou a internacional Goodreads<sup>5</sup>, às de cunho mais generalista, apropriadas por agentes do sistema literário com distintos objetivos, como a Amazon para comércio de obras, ou o Instagram para divulgação de autores, livros, editoras etc.

No caso da literatura digital, objeto de maior interesse a este artigo, a plataformização do literário é ainda mais incisiva: afinal, nesse campo a própria natureza dos textos, como objetos culturais inscritos em uma materialidade técnica, altera-se drasticamente. Toda obra de literatura digital é em parte condicionada pela materialidade algorítmica em que se inscreve (em acréscimo aos fatores que determinam quaisquer outras obras literárias, como intencionalidade autoral, realidade sócio-histórica, expectativas dos leitores etc.), e cada plataforma computacional impõe condicionamentos próprios aos textos que nela são produzidos.

No contexto da literatura digital em Mato Grosso, ainda em estágios iniciais de desenvolvimento, desenha papel precípuo o Instagram, principal plataforma adotada pelos criadores do estado, sobretudo os mais jovens. Estes fazem diferentes usos da rede social

---

<sup>5</sup> Plataformas de rede social que instanciam perfis de leitores e livros, e onde os usuários trocam recomendações sobre suas leituras, criam listas de livros e socializam-nas com outros usuários.

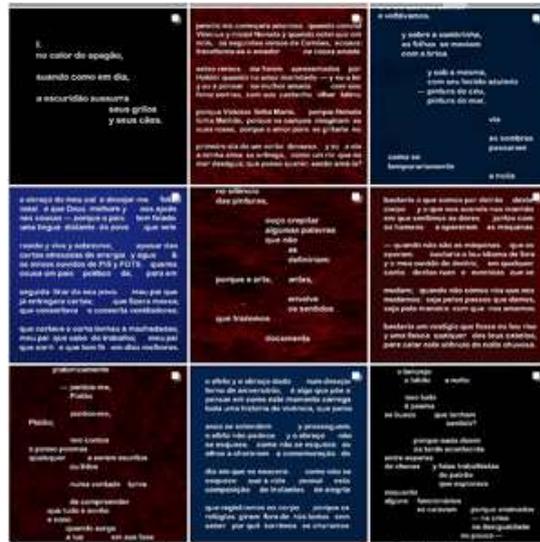
para a produção e/ou promoção de seus textos, principalmente de poesia. Obviamente, essa não é a funcionalidade original para a qual o Instagram foi pensado e lançado em 2010 – trata-se de rede social projetada inicialmente para postagem de fotos, afinal –, mas é próprio do desenvolvimento tecnológico que usuários acabem se valendo de novos produtos técnicos de maneiras impensadas por seus desenvolvedores.

No campo da artemídia, isto é, das “investigações poéticas que se apropriam de recursos tecnológicos das mídias e da indústria cultural, ou intervêm em seus canais de difusão, para propor alternativas estéticas” (ARANTES, 2005, p. 53), isso é ainda mais verdade. Ao subverter os usos originais a que se destina um dispositivo técnico,

Ele [o artista] busca interferir na própria lógica das máquinas e dos processos tecnológicos, subvertendo as “possibilidades” prometidas pelos aparatos e colocando a nu os seus pressupostos, funções e finalidades. O que ele quer é, num certo sentido, “desprogramar” a técnica, distorcer as suas funções simbólicas, obrigando-as a funcionar fora de seus parâmetros conhecidos e a explicitar os seus mecanismos de controle e sedução. Nesse sentido, ao operar no interior da instituição da mídia, a arte a tematiza, discute os seus modos de funcionar, transforma-a em linguagem-objeto de sua mirada metalinguística. (MACHADO, 2007, p. 22).

Um dos poetas da cena contemporânea de Mato Grosso que, sob tal perspectiva, mais fortemente “desprograma” a lógica do Instagram é Allan Kenayt. O autor do livro *A mulher da pintura*, de 2021, mantém mais de um perfil no Instagram: i. @allan.kenayt, onde, entre outros materiais, posta vídeos com leituras suas, em voz alta, de textos de outros escritores; e ii. @janelas.do.meu.quarto, onde posta apenas textos seus, sem uma foto ou vídeo sequer. Praticamente todas as postagens de @janelas.do.meu.quarto consistem em imagens de fundos texturizados e escuros, sobre os quais são aplicadas camadas de textos em letras brancas, como se observa na Figura 1.

Figura 1 – Mosaico no feed de @janelas.do.meu.quarto



Fonte: <https://www.instagram.com/janelas.do.meu.quarto/> (2023)

Recusando por completo a ideia de que o Instagram seja uma plataforma de publicação de imagens, o autor ali publica apenas textos verbais seus, alguns em prosa e outros em verso, como a captura de mosaico do seu *feed*, na Figura 1, revela. Também é curioso notar que Kenayt opta frequentemente pela postagem de textos relativamente extensos (para os padrões da plataforma), o que requer alguns artificios, a exemplo da distribuição de porções textuais em diferentes imagens de um carrossel (sequência de imagens numa mesma postagem). Na Figura 2, observamos um poema distribuído em um carrossel de quatro imagens, seguido de uma quinta em que se lê a identificação de autoria e data de postagem. Acerca deste último elemento, é curioso notar que se trata de um signo incomum nas imagens com textos postadas por outros poetas, até porque a data é um metadado automaticamente associado a qualquer postagem no *feed* do Instagram.

Figura 2 – Montagem com carrossel de poema de @janelas.do.meu.quarto



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CmpSS2Ev11O/> (2022)

O recurso a textos fragmentados em carrosséis passou a ser adotado mais sistematicamente pelo poeta a partir de 25 de julho de 2019. Antes dessa data, o artista publicava seus poemas exclusivamente nas legendas das postagens, cujas imagens continham apenas o título do texto, o nome do autor, a data, o link para seu perfil no Facebook e uma orientação locativa para a leitura, como “Poema abaixo”, “Poema na descrição”, “Poema de descrição”, “Texto na legenda” etc., como se vê na Figura 3.

**Figura 3** – Poema na legenda de postagem de @janelas.do.meu.quarto



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BxsziLuhRwG/> (2019)

Escritor com presença muito diferente no Instagram é Eduardo Mahon, advogado e pesquisador (mestre em Estudos Literários pela UNEMAT) que muito ocasionalmente fez uso de seu perfil (@eduardomahon) com intenções poéticas. Nascido em 1977, trata-se de um escritor mais velho que os demais analisados neste artigo; ademais, é escritor consagrado nos círculos do estado, membro vitalício da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Sua presença no Instagram não gira, no entanto, em torno de sua identidade de escritor. Suas postagens de divulgação de livros próprios, ou sobre sua participação em eventos acadêmicos e/ou literários (seja como escritor, seja como pesquisador), encontram-se dispersas no *feed* de seu perfil, em meio a instantâneos de sua vida em família, memes, capturas de tela de outras redes, manchetes de política etc. Perfis como o de Mahon, com estilo comum a tantos outros poetas brasileiros no Instagram, combinam a identidade de escritor a outras assumidas na vida cotidiana, como profissional, pai, parente, cidadão etc., sem que se possa dizer tratar-se de espaço exclusivo de produção ou divulgação literária.

Na análise realizada em de junho de 2023, encontramos muito poucas postagens contendo passagens literárias do autor, num universo de 12.548 publicações que constavam em seu perfil nessa data. Chama a atenção uma sequência de vinte e um breves poemas publicados entre 12 de outubro de 2022 e 6 de novembro de 2022, uma janela bastante restrita considerando que o perfil está ativo na rede desde fevereiro de 2013. Apresentamos na Figura 4 dois desses poemas para fins de exemplificação.

Figura 4 – Montagem com dois poemas de @eduardomahon



Fontes: <https://www.instagram.com/p/CkJx-SyPdzHW9dCH8YyOvRgepMH5q2cWTQTJGs0/> e <https://www.instagram.com/p/CkWgi4IPYb5N3h-sUxOJHB7qFbwHrKU-dwQMpE0/> (2022)

Esse é o modelo mais comum de poesia no Instagram (tanto em termos de material verbal quanto de diagramação), ao qual se convencionou chamar de *instapoesia*. Tamanha é a estabilidade de suas características composicionais – em parte, produto da plataformização imposta à produção de conteúdo no/para o Instagram – que alguns pesquisadores se referem à instapoesia como um gênero específico dentro da literatura digital.

Uma vez desenvolvida tendo em consideração as características desta rede social, a *instapoetry* apresenta um conjunto de traços [...]: uma a duas estrofes de curta extensão; adoção do verso livre e de um vocabulário comum e claro; uso de letras minúsculas e fontes que se assemelham a aquelas [sic] utilizadas em máquinas de escrever; omissão de pontuação; uso de um fundo de cor sólida acompanhado por ilustrações temáticas lineares e minimalistas. Desta forma, os poemas são como que emoldurados pelo delimitado quadrangular da publicação, acentuando o seu apelo visual que visa captar a atenção do leitor e que o dá a

conhecer instantaneamente, até certa medida, os temas abordados pelos mesmos. Consequentemente, estes permitem que o leitor faça uma leitura rápida e de clara compreensão, por vezes num só deslizar do dedo pelo ecrã, e que os partilhe com outros utilizadores do Instagram ou inclusive de outras redes sociais. (REIS, 2021, n.p.)

Os dois poemas de Mahon, diagramados por Umberto Magalhães (MAHON, 2019) apresentam todas as características descritas acima, às quais se acrescenta uma importante escolha do autor: a identificação de seu nome na parte inferior de cada postagem. Tal estratégia garante a imediata recuperação da autoria mesmo se o texto for compartilhado por terceiros em seus próprios perfis – outra dinâmica a que dá azo o design do Instagram, assim plataformizando modos de circulação literária. No entanto, não há junto aos poemas a identificação do livro *Palavrazia*, de 2015, de onde foram retirados, o que replica características encontráveis em outras formas de circulação da literatura em redes sociais, a exemplo dos memes literários estudados por Rejane Rocha e Manáira Athayde (2020), nos quais às vezes há apenas citações de escritores (ou frases erroneamente atribuídas a eles), às vezes também fotografias e/ou nome dos autores, mas muito raramente referências completas à fonte textual.

Ainda no perfil de Mahon no Instagram, outro recurso usado para divulgação de sua poesia na rede são vídeos breves em *reels*, feitos pela Focus/FCS Publicidade (MAHON, 2019), aos quais o próprio autor se refere como “haicais eletrônicos” em postagem realizada em 03 de abril de 2016. Trata-se de remediações de poemas já publicados em livros seus, agora como vídeos de poucos segundos nos quais o leitor pode ver os versos sofrendo efeitos visuais de distorção cromática, embaçamento, tremeluzência, deslizamento na tela etc. Para fins de exemplificação, reproduzimos na Figura 5 uma montagem com três momentos de um “haicai eletrônico” oriundo de remediação de texto contido na obra impressa *Meia palavra vasta*, de 2014. Destaque-se, porém, que, tais quais os instapoemas em seu *feed*, os *reels* com haicais eletrônicos compõem a exceção, e não a regra, em @eduardomahon: há apenas sete desses videopoemas em meio a mais de uma centena de *reels* armazenados no perfil.

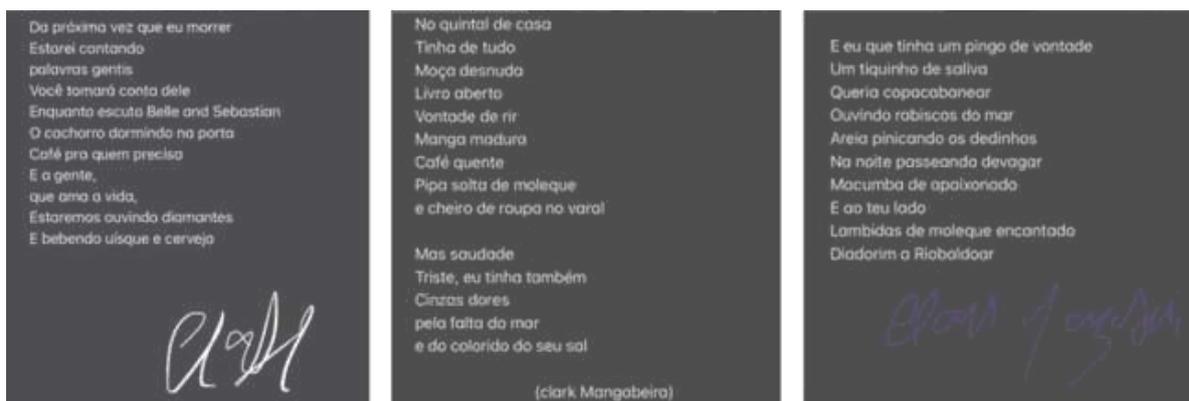
**Figura 5** – Montagem com três frames do haikai eletrônico “Olho arisco”



Fonte: [https://www.instagram.com/p/BDve775B1-zna98\\_6QhTjoeZpkn7FqzqKOeB00/?igshid=NjFhOGMzYTE3ZQ==](https://www.instagram.com/p/BDve775B1-zna98_6QhTjoeZpkn7FqzqKOeB00/?igshid=NjFhOGMzYTE3ZQ==) (2016)

Outro poeta em Mato Grosso que usa o Instagram para divulgação de textos próprios é Clark Mangabeira, antropólogo, professor da UFMT e autor de *Bendita sois vós*, de 2021. No perfil @clarkmangabeira, encontram-se poemas em consonância com algumas das características da instapoesia levantadas por Reis (2021), como se observa nos dois poemas justapostos na montagem da Figura 6, embora este poeta lance mão da distinção entre maiúsculas e minúsculas e, ocasionalmente, de sinais de pontuação. Fundos em cores sólidas e versos curtos, diretos, brancos e livres estão tão presentes quanto nos instapoemas de Mahon, mas resta patente aqui uma identidade visual menos marcante em termos de tipografia, talvez por se tratar de arte do próprio poeta, e não de profissional especializado. No mesmo sentido, destacamos significativa variação na “assinatura”, que nas diferentes postagens alterna entre apenas as iniciais do poeta, ou o nome por extenso (ora digitado, ora manuscrito). Quando presente nas imagens, a caligrafia do poeta remete à ausência metafórica de um corpo que escrevesse analogicamente a mão, já que no Instagram cada uma de suas palavras, nas legendas ou nas fotos, é remediada pela plataforma digital como conteúdo copiável, colável ou compartilhável.

**Figura 6** – Montagem com três poemas<sup>6</sup> de Clark Mangabeira.



Fontes: <https://www.instagram.com/p/CdT9pbWFYEg/>,

<https://www.instagram.com/p/CbVNNRSuuSc/> e <https://www.instagram.com/p/CL0sKeQFfWc/>

(2022)

Traços manuscritos comparecem também em outro estilo de postagens poéticas em seu perfil, mas como inscrições a esferográfica ou hidrocor sobre superfícies fotografadas, a exemplo das reproduzidas na montagem constante na Figura 7. Nessas postagens, é interessante notar que a brevidade típica da poesia no Instagram é intensificada ao nível do aforismático, e os elementos verbais não são mais postados como um texto diagramado em software, e sim como signos escritos a mão sobre objetos reais cujos instantâneos são capturados por um sensor eletrônico e convertidos em código digital.

**Figura 7** – Montagem com duas fotografias postadas em @clarkmangabeira.



Fontes: [https://www.instagram.com/p/CYWmt8ul\\_WA/](https://www.instagram.com/p/CYWmt8ul_WA/) e <https://www.instagram.com/p/CYxuSqYsUcq/>

(2022)

<sup>6</sup> Para melhor visualização da assinatura manuscrita no poema da direita, aplicamos efeito de transparência sobre as imagens.

Postar no Instagram uma poesia que é fotografada junto a objetos do real é, de certo modo, negociar mais de perto com os códigos convencionais dessa rede social, que foi idealizada para partilha de fotografias (funcionalidade sugerida no nome, no ícone e no design de interação da plataforma, que constela todos os signos em torno da imagem central de cada postagem). Usando a terminologia de Lev Manovich (2017) em seus estudos sobre a cultura visual no Instagram, podemos dizer que os brevíssimos poemas redigidos, fotografados e postados por Clark Mangabeira em seu perfil pertencem à categoria “designed photos”, pois dão “ênfase no mood e na atmosfera, e não propriamente na representação” (ROCHA, ATHAYDE, 2020). A essa estética, Manovich dá o nome de Instagramismo, o qual consiste em uma fusão entre fotografia e design.

O que é mais importante neste estilo – design ou câmera? Organizar os objetos, os corpos, os espaços e orquestrar cores, texturas, movimentos das mãos etc.? Ou escolher a lente certa, o ponto de vista certo e aplicar o filtro de cor certo à imagem ou ao vídeo? A planicidade das superfícies (design) ou a tridimensionalidade dos detalhes espaciais (câmera)? É impossível dizer. É por isso que penso que estamos lidando aqui com uma forma distinta. [...] A forma de mídia que combina a captura de imagens por lentes e técnicas de design acompanha um conteúdo específico. (MANOVICH, 2017, p. 72-72, tradução nossa<sup>7</sup>)

Ainda no que concerne à associação entre fotografia e poesia, diferentes poetas de Mato Grosso se valem de outro recurso do Instagram para compartilhar seus textos: a possibilidade de postagem de legenda relativamente longa (até 2200 caracteres, em junho de 2023) acompanhando uma foto. Valendo-se desse expediente, alguns escritores lançam mão de fotos que privilegiam uma atmosfera, nos termos de Manovich, em detrimento do caráter referencial do objeto representado, e a elas associam poemas de autoria própria na legenda, como se observa em certas postagens da jornalista Larissa Campos. Em seu perfil (@laricampos10), a autora do livro de contos *A casa do posto*, de 2022, faz postagens como a reproduzida na Figura 8.

---

<sup>7</sup> No original: “What is more important in this style - design or the camera? Arranging the objects, the bodies, the spaces and orchestrating colors, textures, hand movements, etc.? Or choosing the right lens, the right point of view, and applying the right color filter to the image or the video? The flatness of surfaces (design) or three-dimensionality of spatial details (camera)? It is impossible to say. This is why I think we are dealing here with a distinct form. (...) The media form that combines lens image capture and design techniques goes along with particular content”.

**Figura 8** – Poema “Rachaduras”, postado como legenda de foto em @laricampos10.

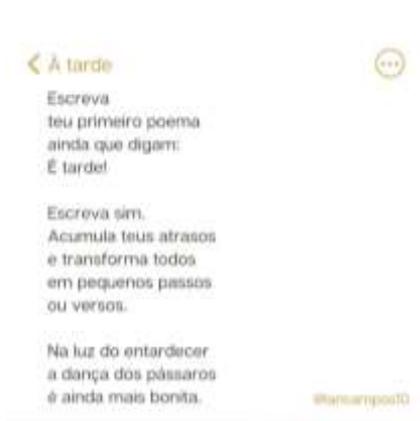


Fonte: <https://www.instagram.com/p/CNsjQWAFrV/> (2021)

Pode-se notar, pelas estrofes reproduzidas na captura de tela, que a relação entre a foto e o texto postado em sua legenda não é de simples equivalência temática. O poema não trata de mãos, margaridas ou céus lilases; na verdade, o que há nele é uma expressão de estado de espírito que apenas metaforicamente é evocado pela foto. Esta, então, não é aqui interpretada pela referencialidade dos objetos que revela, e sim pela atmosfera que estes conotam, mais uma vez de acordo com a estética a que Lev Manovich (2017) chama de Instagramismo.

Todavia, em outras postagens de seus textos poéticos, Larissa Campos se afasta significativamente dos códigos estéticos do Instagram, selecionando materiais não fotográficos para postagem enquanto imagens. Um exemplo dessa prática, amiúde adotada por outros poetas na plataforma, é a captura de tela de diferentes aplicativos em celulares nos quais textos possam ser escritos. Os mais comumente usados para esse fim são aplicativos nativos dos sistemas operacionais de dispositivos móveis para tomada de notas, como no caso do poema reproduzido na Figura 9.

**Figura 9** – Poema “À tarde”, postado em @laricampos10 como captura de tela do app Notas.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CZu92DWFa6d/> (2022)

Tanto em “À tarde” quanto em outros textos postados no Instagram como capturas de tela do aplicativo Notas, a poeta converte em recurso diagramático de seu poema o que era meramente design de navegação no *app* editor de textos. No canto superior à esquerda da Figura 8, observamos em cor ocre e fonte um pouco maior o que funcionava como um botão no aplicativo Notas: a tipografia diferenciada marca que o sintagma “À tarde” era originalmente clicável e levava o usuário de volta à lista de notas. No entanto, após a captura como imagem e postagem no Instagram, a diferença tipográfica nas palavras “À tarde” torna-se apenas destaque diagramático do título do poema cujos versos se leem logo abaixo, ao mesmo tempo em que os demais símbolos em cor ocre na parte superior da tela (a seta no canto à esquerda e as reticências à direita) são esvaziados de suas funcionalidades de navegação e tornam-se meros grafismos.

A captura de tela de uma mídia (o aplicativo Notas) e sua postagem como imagem no campo supostamente reservado a fotos no Instagram exemplifica um recorrente fenômeno nas redes sociais e, mais amplamente, na cultura digital: a remediação. De acordo com Bolter e Grusin (2000), a remediação é o processo pelo qual uma mídia transcodifica os conteúdos de outra; nesse movimento não são ressignificados, porém, apenas esses conteúdos, senão também as mídias envolvidas nesse processo.

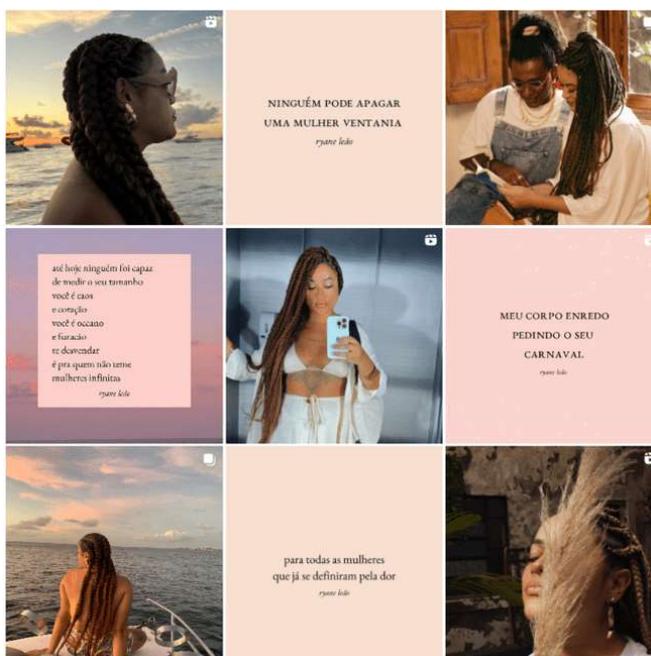
Remediações de imagens com poemas também são frequentes no perfil @ondejazzmeucoracao, da escritora Ryane Leão, que conta em junho de 2023 com mais de 620.000 seguidores. Nascida em Cuiabá, mas vivendo há muitos anos fora do estado, Ryane difere dos demais escritores cujos perfis foram até aqui analisados na medida em que seus textos circulam para muito além do circuito de Mato Grosso. Seus milhares seguidores estão espalhados por todo o Brasil – e fora dele – e consomem, junto com os

textos poéticos da autora, um grande número de fotos e vídeos com sua imagem, bem como propagandas de produtos comerciais associados à marca de Ryane Leão, a exemplo de cervejas, chocolates, lingerie, placas e bandeias decorativas.

Seus textos às vezes são postados como instapoemas nos formatos mais tradicionais do gênero, conforme descrição feita por Reis (2021) e anteriormente citada neste artigo, como se observa no mosaico constante na Figura 10. Nesse recorte do *feed* de @ondejazzmeucoracao, chamam a atenção a clara identidade visual formada pela paleta de cores e pela tipografia dos poemas, bem como a qualidade profissional das fotos com que Ryane vai construindo sua imagem não apenas como poeta, mas também – e talvez principalmente – como influenciadora digital.

Os influenciadores digitais usam seus perfis nas redes sociais digitais (Facebook, Instagram, Twitter, YouTube etc.) para conversar com seu público sobre pautas cotidianas, incluindo hábitos de consumo. São indivíduos que exercem impacto acima da média num segmento, seja ele grande pequeno ou mesmo um nicho, capaz de utilizar de sua marca forte para formar um público fiel e engajado, monetizando por meio de seus conteúdos, tendo, assim, grande valor de troca para empresas de diversos segmentos. (GRIEGER; BOTELHO-FRANCISCO, 2019, p. 39)

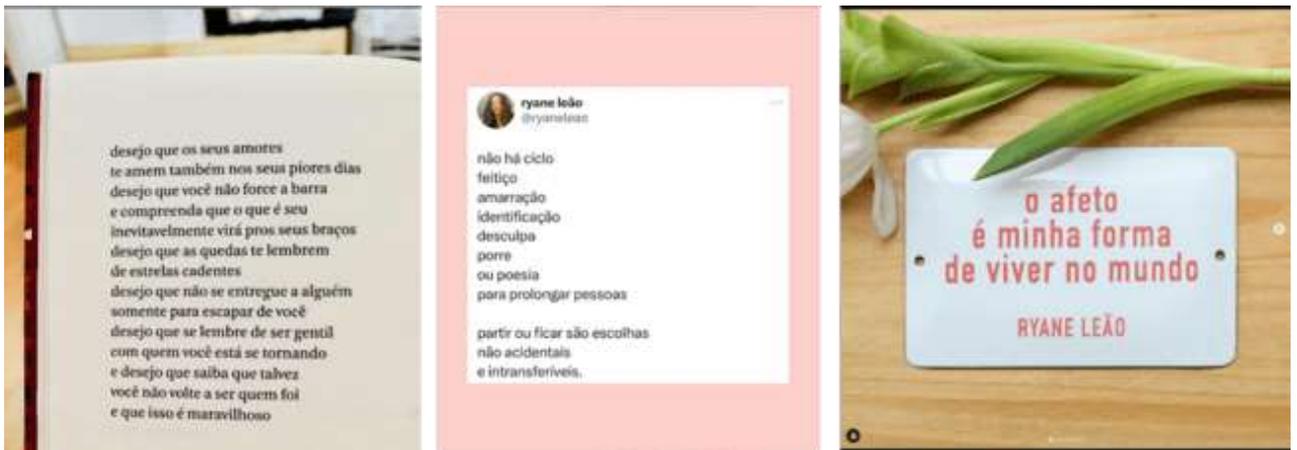
Figura 10 – Mosaico capturado de @ondejazzmeucoracao.



Fonte: <https://www.instagram.com/ondejazzmeucoracao/> (2023)

Em outros momentos, Ryane opta por lançar no Instagram seus textos em remediações como as constantes na montagem da Figura 11, postando imagens que contêm fotos ou capturas de tela com versos em outras mídias, a exemplo de páginas de seus livros impressos de poesia<sup>8</sup>, seu próprio perfil no Twitter, ou objetos decorativos.

**Figura 11** – Montagem com poemas remediados em @ondejazzmeucoracao.



Fontes: <https://www.instagram.com/p/CtXX9Nepyay/>,

<https://www.instagram.com/p/CrQlc-fL9cU/> e <https://www.instagram.com/p/Cq4LKf6JbY1/> (2023)

Nas postagens de imagens com poemas por Ryane Leão, as legendas costumam ser usadas pela autora para complementar o sentido de seus versos, frequentemente sinalizando uma interpretação voltada para questões de amor próprio, autocuidado e valorização do self, como no poema reproduzido na Figura 12, em cuja legenda se lê que “regar suas raízes de volta, amparar também seus medos, te dar meu colo, me reconhecer em seus olhos, seguir a caminhada entre o cuidado e a sabedoria de que estamos ambas aprendendo. ♥☐ ”.

<sup>8</sup> Ryane Leão publicou pela Editora Planeta os livros *Tudo nela brilha e queima*, de 2017, e *Jamais peço desculpas por me derramar*, de 2019.

**Figura 12** – Poema com legenda em @ondejazzmeucoracao.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CsO5xiRp4Rg/> (2023)

Diferentes articulações entre foto, legenda e poesia vigem também em outros perfis de poetas de Mato Grosso, a exemplo da professora Elisângela Saboia, autora do livro *Mistérios do coração*, de 2021. Conquanto o número de publicações no perfil @elisangela.saboia ainda seja pequeno, o material poético de sua autoria é vasto, dadas as postagens constantes e a predominância de versos de sua autoria no feed.

Contudo, distinguindo-se dos poetas anteriormente analisados, Elisângela opera com jogos de redundância e reduplicação entre as fotos e as legendas, fazendo com que os mesmos poemas se inscrevam em ambos os campos de muitas postagens. Isso pode ser observado na Figura 13, na qual a foto com um nascer do sol é sobreposta por uma camada de texto em letras negras e fundo transparente, de modo que, sob os versos do poema, seja visível ainda a imagem com que ele mantém uma relação semântica direta. As mesmas palavras compõem outra versão do poema, postada na legenda, mas com diversa diagramação imposta pelo Instagram: como os textos de legendas são sempre alinhados à esquerda na plataforma, não é possível manter nesse espaço a mesma simetria dos versos centralizados sobre a imagem. Em ambos os campos, consta também o nome da autora, mas com importante diferença nos efeitos de sentido: ao passo que, na legenda, o nome da poeta e os versos são todos escritos com a mesma fonte (Instagram Sans, desenvolvida especialmente para a plataforma), o que temos no texto sobre a foto é uma simulação de assinatura manuscrita, sugerindo certa presença autoral.

**Figura 13** – Poema reduplicado na imagem e na legenda em @elisangela.saboia.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CmEQLYsAJEN/> (2022)

Em outras postagens poéticas, porém, a indicação de autoria vai numa direção radicalmente contrária, sugerindo não uma relação simulada de inscrição a mão, mas sim um reconhecimento explícito de que se trata de escrita em uma rede social. Isso se observa em casos como o da Figura 14, em que, em vez de referência a “Elisângela D. Saboia”, nome próprio da escritora, temos @elisangela.saboia, sua identificação como usuária do Instagram.

**Figura 14** – Poema com atribuição de autoria a uma @ em @elisangela.saboia.

Por que antes não percebi  
este oásis em minha frente?  
Tive medo  
Apesar do sol imponente  
e o verde a se destacar

Como fiz para caminhar?

Apesar de tanta areia  
prendendo os meus pés  
tive força de vontade  
além de muita fé.

@elisangela.saboia

Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cq21nXCg5Ww/> (2023)

Ademais, cumpre destacar que esses versos de Elisângela Saboia parecem reproduzidos como captura de tela de um software editor de texto em computador desktop

ou laptop – e não mais de um app de celular, como no poema de Larissa Campos na Figura 9. Chama a atenção, nesse sentido, o fato de o poema da Figura 14 se inscrever como dupla remediação: i. a fotografia do Instagram que remedeia um pedaço de captura de tela de software editor de textos; e ii. o software editor de textos que remedeia a materialidade impressa na condição de uma escrita em letras pretas sobre fundo branco – metáfora para a página com que a poesia não deixa aqui de flertar, mesmo em uma plataforma digital mais própria para dispositivos móveis, como o Instagram.

### **Considerações finais**

Se um dos principais traços constitutivos da literatura contemporânea, especialmente no segmento de poesia, é sua hibridização com outras linguagens e mídias, num movimento que Garramuño (2014) entende como rumo à inespecificidade, merecem destaque os projetos poéticos que flertam de perto com as tecnologias digitais, em consonância com as transformações políticas, socioeconômicas e estéticas advindas da globalização, do tecnocapitalismo de dados e da cibercultura.

A literatura digital, que se vale de recursos dessas tecnologias computacionais para fins artísticos, vem crescendo em diferentes partes do mundo, inclusive o Mato Grosso, onde poetas contemporâneos têm lançado mão de redes sociais, especialmente o Instagram, para produzir e circular seus textos. Para mapeamento inicial desse campo no estado, procedemos neste artigo a uma pesquisa exploratória, delimitando nosso corpus, por contingências de tempo e espaço, a seis perfis: @janelas.do.meu.quarto (de Allan Kenayt), @eduardomahon (de Eduardo Mahon), @clarkmangabeira (de Clark Mangabeira), @laricampos10 (de Larissa Campos), @ondejazzmeucoracao (de Ryane Leão) e @elisangela.saboia (de Elisângela Saboia).

Entre os resultados observados, podemos sintetizar que, na cena de poesia digital do estado, há tendências partilhadas por distintos autores e algumas especificidades que individualizam seus projetos poéticos, especialmente no que concerne aos modos de articular texto e imagem, foto e legenda, nome próprio e identificação do perfil, identidade autoral e imagens do eu, diagramação e remediação. Cumpre ressaltar que os modos como cada um desses poetas faz uso do Instagram para fins poéticos são determinados por um conjunto complexo de fatores: alguns comuns a qualquer forma literária, como intencionalidade autoral, realidade sócio-histórica e expectativas dos leitores, e outros mais

imediatamente relacionados à literatura digital, como a plataformização, a remediação e a consolidação do gênero instapoesia.

Para estudos futuros, pretendemos expandir o corpus da pesquisa e analisar os perfis de outros poetas do estado com presença ativa no Instagram, a exemplo de Caio Ribeiro (@caiosubindo), Divanize Carbonieri (@divanizecarbonieri), Anna Maria Moura (@ananax666), Bruno Sol Ferreira (@osolferreira), Tayná Meirelles (@taynelles), Giancarlo Costa (@giancarlomcosta) e o coletivo A Poettriz (@apoettriz), formado por Andrio Ricardo, Malu Pimentel e Thay Andrade. Objetivamos a longo prazo, desse modo, um mapeamento progressivo desse campo, com vistas a documentar e analisar um importante nicho da literatura hoje produzida em Mato Grosso, mas ainda carente de estudos mais sistemáticos.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à FAPEMAT pela concessão de recursos ao projeto *Preservação e crítica da poesia digital mato-grossense*, do qual o presente artigo resulta.

### **Referências**

ARANTES, Priscila. Arte e mídia no Brasil: perspectivas da estética digital. **ARS**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 52-65, 2005.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding New Media**. MIT Press, 2000.

CAMPOS, Larissa. @laricampos10. **Instagram**. 2013. Disponível em: <https://www.instagram.com/laricampos10/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. Trad. Jean Briant. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 7-30, 2010.

FLORES, Leonardo. Literatura eletrônica de terceira geração. Trad. Andréa Catropa da Silva. **DATJournal**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 355-371, 2021.

GAINZA, Carolina Cortés. Nuevos escenarios literários: Hacia una cartografía de la literatura digital latino-americana. In: GUERREO, Gustavo; LOY, Benjamin; MÜLLER, Gesine (Eds.). **World Editors: Dynamics of Global Publishing and the Latin American Case between the Archive and the Digital Age**. Berlim: De Gruyter, 2020. P. 331-349.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea**. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GRIEGER, Jenifer Daiane; FRANCISCO-BOTELHO, Rodrigo Eduardo. Um estudo sobre influenciadores digitais: comportamento digital e identidade em torno de marcas de moda e beleza em redes sociais online. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 39-42, jan./jun. 2019.

HAYLES, Katherine. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**. São Paulo: Global, 2009.

KENNAYT, Allan. @janelas.do.meu.quarto. **Instagram**. 2012. Disponível em: <https://www.instagram.com/janelas.do.meu.quarto/>. Acesso em: 18 jun. 2023

LEÃO, Ryane. @ondejazzmeucoracao. **Instagram**. 2014. Disponível em: <https://www.instagram.com/ondejazzmeucoracao/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MAHON, Eduardo. @eduardomahon. **Instagram**. 2013. Disponível em: <https://www.instagram.com/eduardomahon/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MAHON, Eduardo. **Haikais**. 2019. Disponível em: <http://www.eduardomahon.com.br/index.php/haikais2>. Acesso em: 08 jun. 2023.

MANGABEIRA, Clark. @clarkmangabeira. **Instagram**. 2014. Disponível em: <https://www.instagram.com/clarkmangabeira/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MANOVICH, Lev. **Instagram and contemporary image**. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2ZVxbcx>. Acesso em: 17 jun. 2023.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. Trad. Rafael Grohmann. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 2-10, janeiro/abril, 2020.

REIS, Ana. Instapoetry. In: CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. 2021. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/instapoetry>. Acesso em: 08 jun. 2023.

ROCHA, Rejane Cristina; ATHAYDE, Manaíra Aires. A circulação da literatura no mundo on-line: os casos de Clarice Lispector e de Caio Fernando Abreu. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 59, p. 1-25, 2020.

SABOIA, Elisângela. @elisangela.saboia. **Instagram**. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/elisangela.saboia/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

*O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.*